

Apresentação  
POÉTICAS DA NEGATIVIDADE,  
A MELANCOLIA, O MAL E O NIILISMO  
NA LITERATURA MODERNA

Incontestavelmente, a literatura moderna é campo privilegiado para a libertação. Seja no plano do código estético que as materializa, seja no plano dos valores que lhes insuflam substância anímica, as obras produzidas entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX promoveram revoluções sem precedentes na história ocidental – em apenas uma década desse interregno se processam mudanças tão profundas que demandariam um século de vida cultural em épocas progressas. Movimentos artísticos, escolas literárias, manifestos combativos sucedem-se em intensa voragem, numa espécie de demanda cega pelo novo. É como se a densa atmosfera da tradição se tornasse cada vez mais rarefeita para as sensibilidades produzidas pelas revoluções industriais, o que exige a busca por rotas alternativas à paisagem social, política e estética erigida ao longo do tempo, que conseqüentemente, tendo por resultado uma postura de negação e resistência.

É inegável também que a literatura seja o campo de expressão da negação e do mal-estar diante da história. Como constata Baudelaire, dois planos se sobrepõem no horizonte do itinerário dessa literatura – o novo e o abismo.

O gesto de negar, contudo, sucede a experiência do veto; a sensibilidade artística moderna nasce da constatação da inacessibilidade às paragens habitadas pelo ideal – ideal entendido no sentido comum e amplo da palavra, como instância depositária das expectativas individuais e coletivas acerca de ideias como perfeição, completude, orientação para se estar no mundo... Os críticos da modernidade da linhagem de Walter Benjamin bem reconhecem que os ventos do progresso desmantelaram os edifícios que outrora abrigaram serviram de sustentáculo as ideias de civilização ocidental – sobre o mito, triunfou a razão instrumental, a aura da obra de arte foi eclipsada pelo apelo fácil da mercantilização da beleza e, por fim, a utopia soçobra ao colidir com a barbárie instalada intimamente no seio da cultura. Não fortuitamente, o longo século XIX (no entender de Hobsbawm) tem por epílogo sangrento a Primeira Grande Guerra, evento que torna concretas as ruínas já prefiguradas pela sensibilidade romântica sensível à cosmovisão da decadência, do *mal du siècle*, do *Weltschmerz*, do luto.

A clássica definição que Freud confere à melancolia, tratando-a como o luto por um objeto banido da consciência de quem padece a perda, oferece oportuna analogia à sensibilidade artística moderna – afinal, o que

seria o ideal, senão um objeto intuído como essencial, porém irrepresentável? Com efeito, o luto diante do ideal parece assombrar a sensibilidade moderna desde que ela se mostrou consciente de suas carências e crises, expressando-as pelo código difuso das elipses. Ora, Julia Kristeva, em *Sol Negro*: depressão e melancolia, encontra correspondência entre a expressão melancólica e a dicção fragmentária e indireta da poesia, ao reconhecer que a melancolia ganha voz nas malhas de um doloroso processo de assimbolia. Walter Benjamin já pavimentara o caminho para tais constatações ao formular suas postulações sobre o modo de representação fraturado pelo qual a alegoria se acerca do mundo.

Terra devastada, como entende Eliot, a paisagem da modernidade descortina-se ao poeta moderno como paisagem árida, câmara escura, floresta de fantasmagorias que excede a potência da enunciação. Rimbaud declarou, em *Une Saison en Enfer*, que o “ar do inferno não é afetado por hinos”. Talvez só se possa cantar a modernidade, de modo franco, pelo lamento da elegia ou pela acidez da sátira. Com efeito, fragmentação, melancolia e ironia são formas consagradas já pelo romantismo para se falar de um tempo que orbita no vácuo existente entre aspirações metafísicas perdidas e a gravidade do solo de da experiência histórica da desolação. Tais tendências recrudescem, ao longo da modernidade, conforme a herança romântica ganha tónus de tradição que consagra a excentricidade e o mal-estar frente a história. É desse incômodo entre-lugar que eclodem o que aqui se convencionou chamar de “poéticas da negatividade”, objeto de investigação dos ensaios que ora apresentamos.

Abre o dossiê o artigo “A desconstrução do paraíso”, em que Álvaro Cardoso Gomes, em análises comparativas entre artes plásticas e poesia, tece considerações sobre a representação da utopia em pinturas de Brueghel, o velho; de Watteau; nos poemas *Os lusíadas*, de Camões e “Un Voyage à Cythère”, de Baudelaire. Seu trabalho demonstra como as representações do motivo da utopia, no percurso das artes ocidentais, guarda em seu bojo uma consciência crítica que engendra o desvelamento da distopia. Em seguida, Cilaine Alves Cunha, em “A invenção da tradição brasileira. Gonçalves Dias” opera um profundo estudo da constituição do projeto nacionalista da poesia de Gonçalves Dias, atento a suas ambiguidades e impasses diante da realidade sócio-histórica brasileira.

Os dois estudos seguintes são dedicados a Edgar Allan Poe. O primeiro, de autoria de Fernando Martins Fiori; Alline Duarte Rufo e Valdemir Miotello e Josette Monzani, intitula-se “A constituição de *The Raven*, de Edgar Allan Poe” e busca junto ao imaginário ocidental os valores simbólicos que revestem a figura do corvo, animal escolhido para alegorizar o luto no mais emblemático poema de Poe. No segundo ensaio, “Poe e ‘o mais legítimo de todos os tons poéticos’”, de autoria de Maria Alice Ribeiro

Gabriel, apresenta-se considerações em que o motivo da melancolia ocupa o lugar de eixo privilegiado para a compreensão do projeto estético de Poe, revestindo sua poesia, produção crítica e o delineamento psicológico das personagens de sua obra ficcional.

Os grandes nomes do poema em prosa francês do século XIX são contemplados no artigo posterior, “Melancolia e ironia: a marginalidade poética e o poema em prosa”, em que João Tavares Bastos, a partir de considerações sobre *Gaspard de la nuit*, de Aloysius Bertrand; *Petits poèmes en prose*, de Baudelaire e de *Une saison en enfer* e *Les Illuminations*, de Rimbaud, investiga a evolução da forma do poema em prosa em correspondência com postulados tradicionais do romantismo, ligados ao conceito de ironia e melancolia. Ainda no âmbito da poesia francesa de feição romântico-simbolista, localiza-se o estudo da obra de estreia de Verlaine, *Poèmes saturniens* (1866), proposto por Cristovam Bruno Gomes Cavalcante e Adalberto Luis Vicente, cuja perspectiva atenta-se ao desenvolvimento da imagética melancólica na obra. Em “Ecos de *Azul...* de Rubén Dário” Dário Gómez Sánchez dedica-se a uma cuidadosa investigação da contribuição da obra inaugural do poeta nicaraguense às letras hispanófonas, considerando também sua recepção crítica. O trabalho seguinte, de Márcia Eliza Pires, sob o título de “O domínio do poético em Victor Hugo e Cecília Meireles – a esfera dos cemitérios”, investiga a zona de convergência entre a magnitude da morte e o encantamento da realidade circunstancial, localizada nas evocações promovidas pelo espaço dos cemitérios.

Já no âmbito da produção do início do século XX, Marcelo Pacheco Soares, em “Mário de Sá-Carneiro, o homem dos sonhos melancólicos”, apresenta uma alentada pesquisa sobre a figuração da melancolia no imaginário ocidental que lhe serve de sustentáculo à análise da composição do tipo melancólico na novela “O homem dos sonhos”, de Mário de Sá-Carneiro. Também dedicado à produção de ficção breve do século XX é o estudo “As manifestações do mal em *O Sopro*, *O Filho Trocado* e *Mal da Lua*, de Luigi Pirandello”, de Andrea Quilian de Vargas, cujo objeto são as figurações do mal em dois contos de Pirandello. A poética do mal ainda será objeto de dois estudos seguintes, que abordam obras do século XX. O primeiro, “Perversão, uma experiência do mal? O sadismo em *La marchande d'enfants* de Gabrielle Wittkop”, de Anne Louise Dias, concentra-se no legado sadiano presente no romance Wittkop, ao passo que o segundo, “A consciência do mal em *Le noeud de vipères* de François Mauriac, de Andressa Cristina de Oliveira e Carla Alexandra Ezarqui contempla seu objeto sob mirada em o que mal ganha contornos de “fundamento existencial”, do protagonista do romance de Mauriac. “O amor no grande sertão: violência e utopia no anti-romance rosiano”, de Felipe Bier, tece considerações sobre o amor em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa,

tomando-o como *leitmotiv* da obra. O amor em *Grande Sertão*, sugere o estudo, é repisado pela culpa e pelo trauma, emergindo como espaço negativo que impele a própria forma romanesca a romper as amarras da convenção narrativa.

Os três estudos que finalizam fecham o dossiê permitem a verificação do trânsito de motivos e procedimentos estéticos “negativos” entre o romantismo e a modernidade. “*Cut-up* e romantismo em *Almoço Nu*, de William S. Burroughs”, de Carolina Natale Toti, demonstra os vínculos de expedientes que caracterizam o romance de Burroughs (nome ligado à geração *beat* dos anos de 1960), tais como como figuração do grotesco, fragmentação, e representação alucinatória do real, com a estética romântica. Já “Quando as sombras da modernidade iluminam o leitor pós-moderno: o niilismo de Meursault como potência mobilizadora de afetos”, de Samuel Henrique Machado e Rafael Eisinger Guimarães encontra na concepção existencial que enfeixa as ações do protagonista de *O estrangeiro*, de Camus, uma referência para analogias entre a percepção do absurdo camusiano e a sensibilidade contemporânea. Por fim, “Por que ainda a melancolia?” de Lívia Santiago Moreira apresenta a contribuição do campo da psicanálise e da filosofia que iluminam os vínculos íntimos entre sensibilidade moderna e a percepção de mundo como catástrofe que enfeixa o complexo da melancolia.

Os trabalhos coligidos por esse dossiê, ao fim, permitem a apreensão de um extenso panorama desdobrado por mais de um século de produção literária que testemunha o esforço por extrair a potência criativa do abismo. Abismo esse que, por circunstâncias diversas, se oferece como alegoria adequada à cosmovisão moderna. Desvelamento das ilusões da civilização, força propulsora da constante renovação estética, sondagem dos recessos escuros do mundo, em todas as suas faces a poética da negatividade reflete um inquietante discurso de resistência à plasmação passiva e à fruição confortável do mundo, portando, pois, o sabor amargo da consciência.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Fabiano Rodrigo da Silva Santos  
Guacira Marcondes Machado Leite